



## HEIDEGGER E A NOÇÃO DE JOGO COMO *DISPOSIÇÃO* E *VÍNCULO*

Heidegger and the Play Notion as a *Disposition* and *Bonding*

José Fernando Schuck

Doutorando em Filosofia – UNISINOS

[jfernando3@yahoo.com.br](mailto:jfernando3@yahoo.com.br)

**Resumo:** Na filosofia contemporânea, as abordagens da noção de jogo raramente fazem referência a Heidegger; em preleções ministradas no curso de inverno de 1928/1929, Heidegger apresentou importantes reflexões sobre o que considerava ser o *jogo originário da transcendência*, as quais exerceram influência decisiva em autores que trabalharam extensamente a noção de jogo sob um viés hermenêutico ou ontológico, tais como Hans-Georg Gadamer, em *Verdade e Método* (1960), e Eugen Fink, em *O jogo como símbolo do mundo* (1960). Este artigo pretende tratar da noção de jogo desenvolvida na obra *Introdução à Filosofia*, que constitui o registro dessas preleções. A meta é demonstrar que, segundo Heidegger, o ser-aí (*Dasein*) é aquele para quem sempre está em jogo o seu próprio ser, pois reside nele uma abertura peculiar que é a base do comportamento vivo e pulsante do humano em geral; porque enquanto abarcado pelo ente no todo, enquanto movido pela *compreensão de ser* e pela *transcendência*, o ser-aí sempre se encontra posto em um jogo, em uma “brincadeira” que constitui o próprio *jogo da vida* (*Spiel des Lebens*). Para Heidegger, antes do jogo, e de qualquer regramento instituído por meio deste, há o *jogar* (*spielen*), movimento originário que envolve e impulsiona o ser-aí em direção de mundo, estabelecendo o *vínculo* com sua mundanidade (*Weltlichkeit*). O *estar em jogo* é, originariamente, movido pela disposição (*Stimmung*), estado de ânimo ou sintonia, que leva o ser-aí a *projetar-se* e a jogar o seu próprio ser atuando no espaço de jogo (*Spielraum*) da transcendência, um espaço a ser continuamente formado e figurado por meio de uma brincadeira-jogo (*Spiel*).

**Palavras-chave:** Jogo. Compreensão de Ser. Transcendência. Disposição. Vínculo.

**Abstract:** In contemporary philosophy, approaches to the notion of play rarely refer to Heidegger; this one, in lectures given in the winter course of 1928/1929, Heidegger presented important reflections on what considered to be the primordial play of transcendence, which exerted decisive influence on authors who worked extensively the notion of play under a hermeneutic or ontological bias, such such as Hans-Georg Gadamer in *Truth and Method* (1960), and Eugen Fink in *Play as a Symbol of the World* (1960). This article intends to deal with the notion of play developed in the work *Introduction to Philosophy*, which constitutes the record of these lectures. The goal is to

*demonstrate that, according to Heidegger, being-there (Dasein) is the one to whom his own being is always at stake, for therein lies a peculiar opening which is the basis of the living and pulsating behavior of the human in general; because being embraced by the being in the whole, as moved by the understanding of being and by transcendence, the being-there is always placed in a play, in a "play" that constitutes the very play of life (Spiel des Lebens). For Heidegger, before the play, and any rule established through it, there is the playing (spielen), the original movement that engages and drives the being-there towards the world, establishing the bonding with its worldliness (Weltlichkeit). Being at stake is originally driven by the disposition (Stimmung), state of mood or attunement, which leads the being-there to project itself and to play its own being acting in the space of play (Spielraum) of transcendence, a space to be continuously formed and figured through a "playing the play" (Spiel).*

**Keywords:** *Play; Comprehension of being; Transcendence; Disposition; Bonding.*

Não é comum que se relacione a temática do jogo e sua abordagem pela filosofia contemporânea como tributária do pensamento de Martin Heidegger; o tema, porém, recebeu tratamento especial nas preleções realizadas no período ligeiramente posterior a *Ser e Tempo* (1927), abordagem que tem sido ignorada pela maioria dos estudiosos do pensamento heideggeriano. As preleções do final dos anos 1920 e início dos anos 1930 também tiveram influência decisiva no desenvolvimento da noção de jogo presente na hermenêutica de Hans-Georg Gadamer e na fenomenologia do mundo proposta por Eugen Fink, influência que esses pensadores, ex-alunos de Heidegger, deixam transparecer ao elegerem o *jogo* como dispositivo interpretativo capaz de clarificar o modo de ser do humano em suas relações no mundo. Ao aprofundar as questões de ontologia da existência introduzidas em *Ser e Tempo*, obra paradigmática que exigiu muitas retomadas para complementações e desenvolvimentos ulteriores, Heidegger apresenta a interpretação de que o ser-aí (*Dasein*) encontra-se lançado no jogo originário da transcendência, o qual é movido por uma disposição (*Stimmung*) e se efetua como vínculo (*Bindung*). As preleções que tratam dessa questão visam estruturar uma filosofia que pode ser identificada como *metafísica do Dasein*, perspectiva que toma a filosofia e o filosofar como acontecimento fundamental do ser-aí, o qual, por sua livre transcendência, tende à metafísica e se encaminha na direção de mundo e de ser.

Dentre as preleções, a primeira realizada por Heidegger após seu retorno de

Marburg, ministrada no curso de inverno de 1928/1929 com o título de *Introdução à Filosofia (Einleitung in die Philosophie)*, tornou-se fundamental para a compreensão da noção de *jogo* e seu papel no pensamento heideggeriano no período posterior a *Ser e Tempo*. A reflexão sobre o jogo encontra-se inserida na seção temática *Filosofia e visão de mundo* e no capítulo intitulado *Mundo como “jogo da vida”*, estando subordinada à abordagem do ser-aí e de como ele opera na transcendência, ou seja, diz respeito a como o ser-aí humano, finito e limitado, estando imerso em sua temporalidade e certo de sua morte, pode compreender-se em seu próprio ser (*Seinsverständnis*) realizando sua abertura pela transcendência.

Heidegger não relaciona o jogo a uma função pragmática, tal como ocorre em Wittgenstein (*Investigações Filosóficas*) com os jogos de linguagem. Também não o relaciona a um caráter antropológico ou sociológico, tal como pode ser encontrado em Huizinga (*Homo Ludens*) e Caillois (*Os jogos e os homens*), e sim, relaciona o *jogar* à transcendência e à *compreensão de ser*, faculdades que estabelecem o primado ontológico do existente humano. *Compreensão de ser*, como uma determinação existencial-ontológica, diz o modo de ser distintivo do ser aí, modo em que sua própria existência é explicitada, processo que pode ser clarificado pelo caráter de jogo presente na transcendência. O jogo da existência (*Existenz*) e seu modo originário de compreensão é o lugar em que uma ontologia fundamental deveria estabelecer seu ponto de partida, tendo como foco a compreensão do ser-aí, o que representaria um primeiro passo na elaboração de uma ontologia capaz de fundamentar a compreensão do ser em geral, tarefa que Heidegger nunca chega a completar.

Ao expor o modo como se dá a compreensão de ser, Heidegger expõe o *mundo* como espaço de jogo (*Spielraum*) da transcendência, pois entende que o humano, ao ser-no-mundo, seu modo de compreensão como abertura e seu caráter geral de mundanidade estão vinculados à transcendência que se revela por intermédio do ser-aí. Desde a analítica existencial empreendida em *Ser e Tempo*, o humano é apresentado como um ente à parte, não simplesmente uma “coisa” entre outras coisas, porque, sendo aberto às possibilidades como possibilidades, o que resta inacessível aos demais entes, questiona como possível o sentido de sua própria existência e pode assumir-se autenticamente, ao “tomar nas mãos” o seu “destino”. Para Heidegger, é na

transcendência que o ser-aí se encontra como projeto, o que implica jogar com suas possibilidades, no que revela-se o caráter de sua liberdade. O ser-aí é aquele para quem sempre está em jogo o seu próprio ser, pois reside nele uma abertura peculiar que é a base do comportamento vivo e pulsante do humano em geral, porque “enquanto abarcado pelo ente no todo [...], o [ser-aí] já sempre se encontra posto em um jogo, posto em uma brincadeira que constitui o próprio *jogo da vida (Spiel des Lebens)*” (RODRIGUES, 2014, p. 23). É no âmbito desse *jogo da vida* que ocorre a abertura pelo qual o mundo se revela, porque haveria um vínculo privilegiado entre ser-aí e mundo através do qual o próprio mundo se dá, podendo então ser acessado em suas possibilidades constitutivas.

A noção de mundo é importante porque representa um momento da estrutura essencial do ser-aí. Mundo não é um ente subsistente, mas uma determinação existencial do ser-aí. E é na abordagem da unidade ontológica expressa pelo caráter de ser-no-mundo, em especial no exame da mundanidade (*Weltlichkeit*), que pode ser melhor compreendida a noção de jogo e sua relação com a ideia de transcendência. Na segunda seção do curso de inverno de 1928/1929, trabalhando a relação entre *Filosofia e visão de mundo*, Heidegger expõe:

Mundo não é nenhuma expressão regional, não designa esse ou aquele ente, mas o modo de ser do ente na totalidade. Nessa significação, porém, “mundo” está frequentemente tão relacionado ao ser-aí que o próprio ser-aí é diretamente designado como mundo. Portanto, mundo é o modo de ser do ente na totalidade e, contudo, está relacionado ao ser-aí que não é mais do que um ente entre outros (HEIDEGGER, 2009, p. 256).

Mundo, neste contexto, não está circunscrito a um conjunto de coisas ou entes, nem é um ente totalizador, já que não pode ser objetificado, antes refere-se àquilo que se apresenta a partir de ser-no-mundo, ou seja, mundo equivale à estrutura constituinte de emergência do ser-aí. “A relação com o mundo pertence à essência do ser-aí como tal [...]; no fundo, ‘ser-aí’ não significa outra coisa senão ‘ser-no-mundo’” (*Idem*). Mundo é a abertura para o âmbito em que o humano vive, efetiva a sua existência, e com o qual sempre está em relação. Nessa constituição de mundo pela abertura, a condição do existente humano se revela pela compreensão de ser, que é uma propriedade e peculiaridade do ser-aí que se institui concomitantemente com a formação de mundo (Cf. HEIDEGGER, 2009, p. 334 - Nota de rodapé). Compreensão de ser e formação de

mundo, conformam, pois, propriamente ser-no-mundo como transcendência, conferindo o caráter do jogo transcendental peculiar ao ser-aí, caráter que o habilita a *ser em um mundo* e a compreender os entes e a si mesmo também como um ente entre outros entes. Por essa via, Heidegger avança: “Ser-no-mundo é a estrutura da transcendência, da ultrapassagem”. Quem transcende e ultrapassa? O que é transcendido e ultrapassado? “O ente que ultrapassa é o ser-aí; aquilo que é ultrapassado é o ente na totalidade; isso em direção ao que a ultrapassagem acontece é o mundo” (Cf. HEIDEGGER, 2009, p. 324). Pelo ultrapassamento de *mundo* pode ser instituído o comportamento que marca a diferença ontológica do ser-aí em relação aos demais entes.

O ser aí ultrapassa o ente de um tal modo que somente nessa ultrapassagem ele pode se comportar em relação ao ente; somente assim ele pode se comportar também em relação a si mesmo como ente, isto é, pode se relacionar consigo mesmo, pode ser um si próprio. O ser-aí transcende, ultrapassa o ente. [...] Apenas porque ultrapassa o ente na totalidade, ele pode, a partir da escolha feita no interior do ente, comportar-se em relação a esse ou àquele ente; [...]. No interior dessa esfera de decisão, há certamente uma margem de manobra da liberdade (HEIDEGGER, 2009, pp. 325-326).

A ultrapassagem do ente é o que determina a “essência” do ser-aí, e é através desse movimento que se dá a vinculação entre humano e mundo, porque “aquilo em relação ao que se dá a ultrapassagem é aquilo em que o ser-aí se mantém como tal” e “transcender significa ser-no-mundo” (*Idem*). Não há propriamente ser-aí enquanto este não se move pela transcendência, o que significa também entender que o ser-aí se move pelo *projetar-se*, e nisso está em jogo o seu próprio ser em relação ao mundo e se institui o espaço em que é possível a liberdade. É esse *projetar-se* que lhe confere o atributo de operar o ser-no-mundo na totalidade, operação que não é somente um ultrapassamento, mas também “formação de mundo”.

Podemos ser tentados ao equívoco de pensar que a exposição heideggeriana determinou uma independência, ou mesmo superioridade hierárquica, do ser-aí em relação ao mundo, e, embora a estrutura ontológica comumente conduza à interpretação da transcendentalidade como estando justamente nesta espécie de “ultrapassamento”, é pela vinculação e manutenção do caráter de mundanidade, própria do ser-aí, que a compreensão de *ser-no-mundo* pode contribuir para uma interpretação da “relação” ser-aí/mundo pela perspectiva do jogo, porque estar em jogo é um traço ontológico de nossa

mundanidade. Mundanidade é “um conceito ontológico [que] significa a estrutura de um momento constitutivo de ser-no-mundo” (HEIDEGGER, 2005, p. 104). A estrutura da mundanidade pode transformar-se no “conjunto de estruturas de ‘mundos’ particulares, embora inclua em si o *a priori* da mundanidade em geral” (*Idem*, p. 105). O adjetivo “mundano” indica um modo de ser do ser-aí e nunca dos entes simplesmente dados. Mundano é o humano, e “intramundanos” são os entes em geral; o ser-aí aparece como intramundano somente em sentido restringido. Mundanidade está relacionada ao modo de ser-no-mundo através do qual o ser-aí é imediatamente “tomado” pelo mundo e pela cotidianidade que se dá na relação com o *mundo circundante*, condição em que é possível não somente “ver”, mas “formar” mundo, mesmo “estando” entre os entes tomados como *simplesmente dados*. É por sua *mundanidade* que o existente humano é tomado pela disposição (*Stimmung*) própria do “estar em jogo”. O ultrapassamento, marca do jogo da transcendência, ocorre pela disposição própria do “estar em jogo”, e também por uma vinculação com o mundo, que pode ser traduzida como uma vinculação ao ente no todo. Disposição e vínculo são duas características importantes destacadas por Heidegger em sua abordagem do jogo.

Na preleção ministrada no inverno de 1928/1929, no capítulo intitulado *Mundo como jogo da vida*”, o conceito de jogo é apresentado como intimamente relacionado à transcendência, mas também à noção de compreensão de ser, pois o existente humano se move no mundo balizado pela compreensão de ser. A compreensão ocorre como jogo, e, operada pelo ser-aí, permite estruturar aquilo que é designado por *mundo*; esse é um traço próprio daquilo que é designado como *jogo da transcendência*. “A totalidade do ser compreendido a cada vez no ser-aí, em especial o caráter dessa compreensão e organização do compreendido, o ser-no-mundo em geral, em suma, o mundo tem o caráter de jogo” (HEIDEGGER, 2009, p. 330).

Segundo Reis (1999), é no contexto que aborda a relação entre *Filosofia e visão de mundo*, desenvolvido na segunda seção das preleções de 1928/1929, que se apresenta a ideia de que a transcendência possui a natureza do jogo. Reis observa que “a noção heideggeriana de transcendência não deve ser entendida nem teologicamente, nem a partir da problemática da realidade exterior”, e que o transcendental, assim como o conhecimento transcendental, não são “propriamente uma noção da teoria do conhecimento, e nem mesmo prioritariamente relacionada com o conhecimento e com a

representação. *Transcendental* diria respeito a tudo o que pertence à transcendência” (REIS, 1999, p. 343). É importante apontar que o ser-aí, em suas possibilidades de ultrapassamento e formação de mundo, estaria situado naquilo que Heidegger entende por transcendental, e que o conhecimento transcendental não é “a demonstração de que as representações *a priori* referem-se a objetos da experiência (porque são as condições da possibilidade da experiência), mas conhecimento transcendental é conhecimento ontológico” (*Idem*). Nesse sentido, uma “filosofia transcendental seria, portanto, a filosofia possível a partir da transcendência, a tematização expressa que torna possível a projeção de ser e o descobrimento dos entes como entes” (*Idem*, pp. 343-344). A expressão *jogo da vida* (*Spiel des Lebens*) torna-se um ponto de partida não só para explicitar a noção de jogo, mas principalmente para fornecer um sentido amplo e metafísico para a conceituação da transcendência, já que a compreensão de ser não esgota toda a interpretação da transcendência, porque mesmo que esta seja um componente estrutural necessário, “a transcendência contempla também a unidade, a articulação e a mobilidade interna nas três direções formais de ultrapassamento: para o outro, para os objetos e para consigo mesmo” (REIS, 1999, p. 344). Ao conceitualizar a transcendência a partir da noção de jogo, Heidegger faz uso de uma via peculiar que confere ao jogo um sentido amplo e metafísico ainda não visto na história da ontologia. Ele procura ultrapassar as noções iniciais e formais que relacionam o jogo a um sistema de regramentos pelo qual se desenvolve o jogar, pois o que haveria de mais fundamental no jogo não é o comportamento específico, mas aquilo que possibilita esse comportamento, sendo mais originário, porém oculto perante o jogo, somente vindo à tona quando este já está aberto e em andamento (*Idem*, p. 346).

Segundo Betanin (2004), é importante salientar que a noção de jogo também está relacionada à abordagem da noção de mundo, a qual se inicia com uma demorada abordagem em que Heidegger apresenta o que Kant entende por mundo, exposição que desemboca na interpretação de que mundo é o todo da constituição de ser e da diversidade de ser, sendo também um *ser-com*, um *ser-junto* às coisas, e um *ser-si-mesmo*. Isso se daria através de uma perspectiva existencial de mundo que busca afastar-se de uma *visão de mundo* puramente cosmológica. Neste contexto, a questão do jogo tem sua importância na medida em que pode ser decisiva para o desvelamento do vínculo existencial e metafísico existente entre o ser-aí e o mundo, revelando assim o

significado mais originário de ambos, o qual se desvela como uma unidade articulada (Cf. BETANIN, p. 39).

Segundo Rodrigues (2014), há na metafísica do ser-aí a compreensão de que a transcendência realiza um movimento de *espalhamento* (*Streuung*) que compõe o mundo em uma multiplicidade de sentidos possíveis. O mundo assim se revela não somente como o espaço do poder-ser do ser-aí, mas também como “a estrutura de contrapeso (*Widerhalt*) que retém o espalhamento do ente, contendo a *pressão* (*Drang*) que lhe é inerente e acolhendo em si, a um só tempo, também a *resistência* (*Widerstand*) prestada pelo próprio ente em face da pressão de espalhamento” (RODRIGUES, 2014, p. 7). Estando circunscrito ao movimento da transcendência que se dá pelo espalhamento, e encontrando uma conseqüente resistência por parte dos entes, o ser-aí constitui-se em seu ser sempre balizado e apoiado no ente. O ser-aí exerce sua liberdade como projeto de mundo, e nesse *projetar-se* experimenta as possibilidades de transcendência no âmbito de um “jogo de escolha”. Jogar o seu próprio ser é, para o ser-aí, atuar no espaço de jogo (*Spielraum*) da transcendência, “um espaço a ser continuamente formado e figurado por meio de uma brincadeira-jogo (*Spiel*) da liberdade, capaz de levar em conta tanto a pressão do espalhamento, que é própria da transcendência, como também a resistência que é prestada pelo ente” (*Idem*, p. 9). Nesse espaço de jogo “a vida humana se desenrola em um campo de tensão interior no qual a acontecência da transcendência se deixa apreender” (RODRIGUES, 2014, p. 125) em uma dinâmica de liberdade e vínculo. “É também a partir desse espaço de jogo que a transcendência pode ser definida, em *Introdução à Filosofia* (GA 27), como um brincar jogar ou um *jogar* (*spielen*), como um fenômeno essencialmente lúdico” (*Idem*, p. 126) Esse espaço sempre pode ser alargado, pois tem o caráter de mobilidade, uma mobilidade figuradora de mundo, presente no ser-aí, e que ocorre ludicamente por um *jogar* que se renova constantemente.

Para Heidegger, a compreensão que estrutura a cada vez a facticidade do ser-no mundo se dá segundo uma ordem e disposição de jogo e ludicidade que, desde cedo, podem ser observadas na criança através do entusiasmo, seriedade e liberdade que ela expressa ao ser no mundo, uma atitude autêntica muitas vezes negligenciada por nossa observação adulta, que não atenta para o fato de que “talvez a criança só seja criança porque ela é algo em um sentido metafísico que nós adultos não mais concebemos de

maneira alguma” (HEIDEGGER, 2009, p. 330). Os traços patentes na fase inicial da vida deixam de ser reconhecidos nos círculos da vida adulta, o que tão pouco serve como prova da inexistência do caráter de jogo em todas as fases da existência humana, condição que é apenas ocultada.

“Questionar se o jogo é sério ou não, se ele é ‘de verdade’ ou apenas um ‘faz-de-conta’, somente concerne à função e ao efeito do jogo, mas nunca ao próprio jogo” (*Idem*). A oposição simplificadora entre ficção (como se) e atividade de aparência, não diz respeito ao jogo em si, mas apenas às finalidades e efeitos derivados do jogar. Não se pode compreender o jogo considerando-o como uma atividade essencialmente infantil, nem a partir de uma distinção entre seriedade e brincadeira. Para Heidegger, teríamos de encontrar boas “razões para que os chamados adultos não joguem nem brinquem mais no sentido dos jogos e das brincadeiras das crianças, mas arranjem um substituto para o jogo” (HEIDEGGER, 2009, p. 331). A vida adulta costuma ocupar-se com “atividades sérias” que supostamente substituem o tempo antes ocupado pelos jogos e brincadeiras. Mas a seriedade nas relações e ordenamentos da vida adulta não anula, apenas aprofunda aquilo que continua sendo, essencialmente, uma forma de jogo. Além dessas distinções preliminares, Heidegger julga necessário buscar o significado originário, ontológico do jogo; para tanto é preciso ultrapassar o debate em torno da diferença entre jogo e seriedade, debate que se detém em aspectos ônticos.

Heidegger entende que “mundo” designa o jogo que a transcendência joga, e num sentido metafísico pode-se dizer que “ser-no-mundo é esse jogar originário do jogo”, porque todo ser-aí fático se coloca em uma dinâmica de jogo, “de um tal modo que ele sempre tome faticamente parte no jogo, de uma forma ou de outra, durante a sua existência” (Cf. HEIDEGGER, 2009, p. 333). Participar compreensivamente do jogo da transcendência é o jogo originário que possibilita ao ser-aí constituir-se como tal, sob o modo do ser-no-mundo, que abre compreensão intencional e comportamento, como traços que determinam a “diferença ontológica” para com os demais entes: somente o ser-aí opera e revela o jogo da transcendência. Transcender não é uma possibilidade elegível, mas uma constituição fundamental do ser-aí que o revela junto ao mundo e que se efetiva no poder-ser.

Nossa existência é fático-histórica e revela-se como multifacetada e contingente, o que se evidencia “a partir do fato de a convivência histórica dos homens oferecer o

aspecto de uma multiplicidade colorida, assim como de uma mutabilidade e acidentalidade” (HEIDEGGER, 2009, p. 329). Assim, o jogo e o jogar nunca estão previamente determinados, há sempre um caráter contingente, mutável e de instabilidade que se sobrepõe ao fluxo e conjunto de regras de acordo com as quais um jogo é realizado. Ser-no-mundo é estar em jogo, não no sentido de seguir um regramento prévio, porque o jogar segundo regras não é uma relação imediata e nem resume o modo de ser dos jogadores. É necessário apontar algo mais originário e que se relaciona basicamente a uma alegria (*Freude*) que nos move ao jogar. Desta maneira, estar em jogo significa estar na disposição (alegria, comoção, tônica, *animus*), que articula o modo de ser dos jogadores e também o surgimento de regras ao jogar. Para Heidegger, é importante salientar que o ser-aí se constitui por uma disposição afetiva, fator essencial para a compreensão do fenômeno do jogo, pois “de acordo com o seu caráter fundamental, jogar é estar-em-uma-tonalidade-afetiva” (*Idem*), uma disposição (*Stimmung*), um estado de espírito, pois não se joga porque existem jogos, mas porque se está afinado e dominado por uma tonalidade afetiva, por uma alegria própria do “estar em jogo”, que se joga. Acima e antes do jogo, há o jogar, que é também estar continuamente na condição de adesão ao movimento que nos leva a “jogar-se no jogo” que o mundo é. Essa ligação com o mundo é também nosso vínculo mais originário, é um “estar lançado” no espaço de jogo (*Spielraum*) desde essa origem, ao mesmo tempo transformando-o, já que é também o espaço de liberdade em que o ser-aí efetiva seu projetar-se.

Heidegger enumera quatro pontos que revelariam a natureza do jogo e do jogar:

O jogar é, portanto 1. Nenhuma sequência de processos mecânicos, mas um livre dar-se de acontecimentos que sempre estão baseados em regras (2) Nesse processo, no suceder ou acontecer em que consiste o jogo, o essencial não é o fazer ou atuar, mas o que é decisivo no jogar é precisamente seu caráter específico de estado de ânimo, o modo peculiar de estar-aí-disposto (*Sich-dabei-befinden*). (3) E porque o essencial no jogar não é o comportamento, é que sua regulação tem um caráter distinto, a saber: as regras se formam apenas no jogar. E a vinculação às regras é livre em um sentido muito especial. O jogar acontece jogando, a cada momento, enquanto execução de si, em um jogo que só então depois pode substituir a si mesmo como um sistema de regras. Neste exercitar-se do jogar [neste jogar o jogo] é que primeiramente começa surgindo algo assim como um jogo, mas que não necessita iniciar constituindo um sistema de regras pré-estabelecidas. Aí reside, porém 4. que a regra do jogo não é fixa,

tomada de algum lugar, mas é mutável no jogar e está mediante o próprio jogar. Isto cria para si um espaço no qual ele é formado, o que significa também que ao mesmo tempo pode transformar-se (Livre tradução de *Introdução à Filosofia* - GA 27, § 36).

O jogo não é instituído por uma simples conformação mecânica a movimentos condicionados por regras, ele se estrutura de forma livre por autocomposição. É no interior do próprio jogo que surge um sistema de regras que se modificam de acordo com o fluxo. Encontrar-se em jogo é anterior e mais primordial do que comportar-se segundo regras, e, neste sentido, é fundamental apontar o jogo como sendo fruto dessa disposição (*Stimmung*) sempre presente na dinâmica do jogar. Estar em jogo é um estar estar-aí-disposto (*Sich-dabei-befinden*) sob o domínio de um estado de ânimo que impulsiona, envolve e mantém o movimento que proporciona ao jogo sua efetiva realização. O *jogar* cria o próprio jogo, a partir da realização de seu próprio exercício, surge um sistema de regras e se institui um espaço próprio. É no interior de si, em seu espaço de jogo (*Spielraum*), que o jogo se move e se transforma.

Sobre o caráter mais originário do jogo estando vinculado a uma disposição, Onate (2007) comenta:

Disposição diz muito mais do que estado anímico de qualquer ente humano e não pode ser apreendida de maneira reflexiva como se fosse uma vivência dele. A disposição não provém nem de dentro nem de fora deste ente, ela é antes o modo existencial básico da abertura originária de mundo (ONATE, 2007, p. 141).

O ser humano não pode atuar acima ou sem estas disposições, porque seus sentidos, assim como seu modo de ser, encontram-se continuamente e constitutivamente determinado por elas, sem as quais não há abertura de mundo ou comportamento para com os entes.

Investigar as disposições implica em deixá-las ser, e não em alcançá-las mediante artifícios teóricos. Elas se encontram enraizadas no *aí* do ser-o-aí, cabendo ao investigador deixá-las despertar existencialmente e expor suas estruturas básicas de manifestação. Assim encaradas, elas são o princípio de consistência e de possibilidade do ser-o-aí, são o âmbito a partir do qual ocorrem tanto seu pensamento quanto sua ação. No léxico heideggeriano, elas são a *essência* do ser-o-aí (*Idem*, p. 142).

As disposições determinam o ser-aí, e o jogo é acrescido por Heidegger como uma disposição fundamental que toma e move o existente humano através do estar-aí-

disposto (*Sich-dabei-befinden*) em um jogo. A alegria do jogo soma-se ao nada da angústia e ao vazio do tédio como modos de disposições próprias do ser-aí.

O jogo mostra-se como perspectiva adequada para a compreensão de nossa própria condição, porque jogamos e somos jogados na experiência ampla da transcendência. Muitos podem considerar que a transcendência está sendo “rebaixada” quando se assume a perspectiva de que ela se revela na existência por intermédio do jogo e se resume em uma espécie de jogo da vida (*Spiel des Lebens*), pois ao entendimento comum parece algo terrível tomar o ser como pertencente a um jogo originário que não está submetido a regras fixas. “Entregar a existência humana a um jogo? Colocar o homem no jogo da existência? De fato!” (HEIDEGGER, 2009, p. 333) e isso porque, num sentido amplo, “esse jogo é tudo, menos uma ‘brincadeira’, tudo, menos um mero jogo em oposição à realidade – na transcendência não há absolutamente essa diferença entre jogo e realidade” (*Idem*).

O jogo não se reduz a um simples comportamento fático; é, antes, aquilo que se encontra velado e que permite tal comportamento. “Nesse jogo da transcendência, todo e qualquer ente em relação ao qual nos comportamos já se vê envolto por um jogo, assim como todo comportamento já se acha colocado nesse jogo” (HEIDEGGER, 2009, p. 333). Para Heidegger, o que está em questão não é um “jogar com os entes”, mas um “jogar o ser, pôr o ser em jogo” (*Idem*), e há boas razões para que se tome o fenômeno do jogo como indicador da unicidade que engloba vida, ser-no-mundo e o próprio mundo, porque sua singularidade conduz e expõe a transcendência. “Trata-se de jogar o ser, de estar no acontecer que forma o ser” (REIS, 1999, p. 347), ou seja, jogar com as possibilidades que se colocam para o humano no mundo, transformando e transformando-se. Isso também afeta nosso comportamento para com os entes, para com o mundo, pois não há como ser-no-mundo, sem afetar a totalidade daquilo que o compõe, sem jogar com e em meio aos entes. O espalhamento em que se realiza a transcendência, “ultrapassando” o “simplesmente dado”, encontra a resistência prestada pelos entes, de forma que não há como jogar o ser, sem também estar em jogo com os entes, pois ser e ente se efetivam na unicidade do mundo que aqui se revela como o próprio espaço de jogo.

A singularidade do jogo que é capaz de expor a relação entre ser-aí e transcendência pode ser resumida em quatro características que acentuam a unicidade e

mobilidade desse fenômeno (Cf. HEIDEGGER, 2009, p. 336-337):

a) estruturando-se livremente no interior de seu próprio circuito, o jogo cria para si sua própria consonância interna, como acordo e conformidade que se formam ao jogar e que conferem ao jogo ordem e sentido;

b) apesar de ser partícipe de um *livre formar*, quem joga não está solto, pois jogar é precisamente uma vinculação, é um estar circunscrito ao modo formador que se institui pelo circuito interno do jogar;

c) o jogar é um acontecimento originário e não um comportamento em relação a um objeto, porque *estar em jogo* é sempre anterior e é o que permite comportar-se em relação a algo;

d) o jogar foi determinado como a *ultrapassagem do ente* porque “o ser-no-mundo já sempre se lançou para além do ente e o envolveu em seu jogo; nesse jogar, forma-se pela primeiríssima vez o espaço – e espaço, mesmo no sentido real – no interior do qual encontramos o ente” (HEIDEGGER, 2009, p. 337).

É possível concluir minimamente, principalmente por meio das reflexões encontradas em *Introdução à Filosofia*, que, para Heidegger, no período ligeiramente posterior a *Ser e Tempo*, o *jogar* é identificado com o que há de mais originário na fundamentação dos ordenamentos, dos sentidos e dos vínculos que se instituem pelo ser-aí como ser-no-mundo, porque “o mundo tem o caráter de jogo” (HEIDEGGER, 2009, p. 330), e o filósofo transforma esse traço fundamental em “conceito metontológico-metafísico, compreensivo-inclusivo, capaz de apreender o caráter específico de totalidade do todo da constituição de ser em sua unidade (ser-junto, ser-com-o-outro, ser-si-mesmo), o compreendido enquanto mundo” (RODRIGUES, 2014, p. 157). No esforço de traduzir a relação entre ser-aí e transcendência, Heidegger revela o “vínculo”, como um estar atrelado à nossa mundanidade, condição originária presente no jogar. Pelo jogo, o ser-aí encontra-se sempre lançado para a relação com os entes, envolvendo-os para a formação contínua do próprio espaço em que a existência, enquanto jogo da vida, ocorre em sua dinamicidade. O jogo significa aqui um modo originário de vinculação do ser-aí, que ao transcender, e em virtude de seu próprio caráter, se realiza indo sempre em direção de mundo, colhendo e recolhendo uma articulação com os entes, expondo o caráter de vínculo que representa ser-no-mundo. Jogar é estar vinculado e, além disso, é estar movido por uma disposição, pois, todo

abrir-se de e comportar-se para com entes, trata-se de estar em sintonia com uma *disposição*, a voz ou tonalidade fundamental em que se “acorda” (de acorde, musicalmente falando) com o “mundo” que se abre pela transcendência. Nisso tudo, o jogar é modo de ser e de responder ao ser dos entes, não um comportamento objetivo ou intencional para com entes. O jogo, ou jogar-se ontológico, precede todo jogo ôntico, como instauração do sentido finito do poder-ser, estabelecendo um vínculo existencial entre ser-aí e mundo, que se desvela como unidade articulada no espaço de jogo do mundo.

**Referências:**

BETANIN, Tatiana. “Transcendência e jogo na ontologia fundamental de Martin Heidegger”. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Programa de Pós-graduação em Filosofia: UFSM, 2004.

HEIDEGGER, Martin. *Introdução à Filosofia*. Trad. Marco Antônio Casanova, - 2ª ed. – São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009.

\_\_\_\_\_. *Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude, solidão*. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

\_\_\_\_\_. *Ser e Tempo*. Parte I. Trad. Marcia Sá C. Schuback. 15ª Ed. Petrópolis RJ: Editora Vozes, 2005.

\_\_\_\_\_. *Einleitung in die Philosophie* (Wintersemester 1928/29) – (GA 27). Hrsg. Von Otto Saame und Ina Saame-Speidel. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 2., durchgesehene Auflage 2001.

ONATE, Alberto M. “Husserl/Fink: sobre os limites da transcendentalidade”. In: *A filosofia transcendental e a sua crítica*. Coimbra - Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015.

REIS, Róbson R. Dos. “Heidegger: a vida como possibilidade e mistério”. In: *Rev. Filos., Aurora*, Curitiba, v. 24, n. 35, p. 481-507, jul./dez. 2012.

RODRIGUES, Fernando. “Heidegger e a metafísica do Dasein (1927-1930): uma interpretação à luz dos conceitos de liberdade, vínculo e jogo da vida”. Tese (Doutorado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas: UNICAMP, 2014.